V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

AValiação DA APRENDIZAGEM NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA: ENTRE CONCEPÇÕES E PRÁTICAS

EVALUATION OF LEARNING IN THE GEOGRAPHY COURSE: BETWEEN CONCEPTIONS AND PRACTICES

Apresentação: Comunicação Oral

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00040>

Resumo

O presente artigo consiste nas impressões do estudo sobre a avaliação da aprendizagem no curso de Licenciatura em Geografia. Este trabalho insere-se no projeto intitulado a Formação de Professores no IFPE e o Curso de Licenciatura: um estudo sobre o processo de implantação e as práticas curricular, com o objetivo compreender as concepções e práticas de avaliação da aprendizagem presentes no curso de Licenciatura em Geografia do IFPE, investigar as concepções de avaliação da aprendizagem manifestadas pelos docentes do curso de licenciatura em geografia, analisar a coerência entre o discurso oficial (o projeto político pedagógico do curso Licenciatura em Geografia e os Programas dos Componentes Curriculares), com as concepções de avaliação da aprendizagem dos docentes e identificar as principais práticas de avaliação utilizadas pelos docentes. O estudo foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, no curso de Licenciatura em Geografia, direcionado aos docentes dos dois primeiros períodos e dos dois últimos períodos do curso. Sendo assim, docentes que participaram da entrevista foi do primeiro, segundo, sétimo e oitavo período do curso em estudo. A pesquisa realizada é do tipo estudo de caso, com dados quantitativos direcionados aos professores que lecionam as disciplinas do segundo semestre de 2017.2 e no primeiro semestre de 2018.1 Este teve o resultado primordial de compreender, considerar e valorizar a participação do aluno, seus exercícios feitos em aula e em casa, trabalhos de pesquisa em grupo e individual, interpretação, produção textual, debates, frequência, seu interesse, iniciativa, autonomia, questionamentos, empenho e desempenho nas diversas metodologias avaliativas para a aprendizagem do ensino da geografia abordada pelo professor.

Palavras-Chave: avaliação, ensino-aprendizagem, ensino de Geografia, instrumentos avaliativos.

Abstract

The present article consists of the impressions of the study on the evaluation of the learning in the course of Degree in Geography. This work is part of the project entitled Teacher Training at IFPE and the Licentiate Course: a study on the implementation process and curricular practices, with the objective of understanding the conceptions and practices of learning evaluation present in the undergraduate course in Geography of IFPE, to investigate the conceptions of evaluation of the learning manifested by the teachers of the licenciatura course in geography, to analyze the coherence between the official discourse (the pedagogical

political project of the course Degree in Geography and the Programs of the Curricular Components), with the conceptions of evaluation of teacher learning and to identify the main evaluation practices used by teachers. The study was developed at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pernambuco - Campus Recife, in the course of Degree in Geography, directed to the teachers of the first two periods and the last two periods of the course. Thus, teachers who participated in the interview were the first, second, seventh and eighth periods of the study course. The research carried out is of the case study type, with quantitative data directed to the teachers who teach the subjects of the second semester of 2017.2 and in the first semester of 2018.1 This had the primordial result to understand, to consider and to value the participation of the student, in the classroom and at home, individual and group research, interpretation, textual production, debates, frequency, interest, initiative, autonomy, questioning, commitment and performance in the various evaluative methodologies for the learning of the geography teaching addressed by the teacher.

Keywords: evaluation, teaching-learning, geography teaching, evaluation instruments.

Introdução

A prática docente, como dimensão da prática social mais ampla, consiste numa forma de intervenção de caráter intencional na realidade social. Nesse sentido, o crescente aumento das demandas sociais têm exigido dos educadores e das escolas um esforço no que diz respeito à construção de caminhos teórico-metodológicos que propiciem a elaboração de propostas pedagógicas capazes de alterar o conteúdo e a forma dos processos de ensino e aprendizagem, e a transformação dos contextos escolares em que a prática educativa se manifesta.

Nessa perspectiva, os professores tornam-se “responsáveis não somente pelas ações que desenvolvem em sala durante a aula, mas também pelo conjunto de decisões que lhes são pressupostas, como as opções político-educacionais relativas a currículo, projetos, disciplinas e avaliação, entre outros”. (ALMEIDA, 2006, p. 186). Assim, a formação do professor é compreendida como um processo de preparação intelectual, técnica e política que pretende responder às demandas e desafios presentes na realidade social. O exercício da atividade docente requer uma formação intencional de caráter integral, que dê conta das tarefas do processo de ensino-aprendizagem circunscrito em contextos escolares permeados por contradições, tensões e conflitos. Isso significa que formar o professor não é uma tarefa tão simples, mas, uma questão ética-política que tem relação com as finalidades da educação. Tais hipóteses de concepções dos professores acerca das perguntas são comumente analisadas como: os alunos não aprendem porque não estudam a matéria e não prestam atenção nas aulas por eventos adversos, ou também: a avaliação tradicional torna um indivíduo capaz de

enfrentar a sociedade competitiva.

Despertar o interesse do aluno também é uma tarefa difícil. A renovação de novas técnicas de apropriação de conteúdo leva em consideração o estímulo a participação da turma e a questionar determinado assunto. Todo o professor observa que quando passa um trabalho pra turma surge àquela pergunta questionando se valerá nota tornando unânime, como se o trabalho sem nota não houvesse alguma importância para o desenvolvimento intelectual, julgando ser perda de tempo seu esforço sobre o trabalho proposto.

O pressuposto artigo insere-se no projeto de pesquisa A Formação de Professores no IFPE e os Cursos de Licenciatura: um Estudo Sobre o Processo de Implantação e as Práticas Curriculares, cujo objeto de estudo é a análise das práticas de formação de professores para a educação básica, implementadas no IFPE.

Sendo assim, o objetivo do artigo é compreender as concepções e práticas de avaliação da aprendizagem presentes no curso de Licenciatura em Geografia do IFPE- Campus Recife.

Por fim, Investigar as concepções de avaliação da aprendizagem manifestadas pelos docentes e discentes do curso de licenciatura em geografia, analisar a coerência entre o discurso oficial (o projeto político pedagógico do curso Licenciatura em Geografia e os Programas dos Componentes Curriculares), com as concepções de avaliação da aprendizagem dos docentes e identificar as principais práticas de avaliação utilizadas pelos docentes.

Fundamentação Teórica

Um dos principais questionamentos de Lacoste (1998) em relação à geografia escolar, a qual denominou “Geografia dos Professores”, refere-se ao fato de essa disciplina estar centrada na memória e na informação. A crítica se dá em função da fragmentação curricular e da maneira como essa área do conhecimento foi desenvolvida – ele afirma que “de todas as disciplinas ensinadas na escola, a geografia é a única a parecer um saber sem aplicação prática fora do sistema de ensino”, realidade que ainda hoje se pode constatar em várias situações do cotidiano das salas de aulas.

Impor a ideia de que o que vem da geografia não deriva de um raciocínio estratégico conduzido em função de jogo político. A paisagem! Isso se contempla, isso se admira: a lição de geografia! Isso se aprende, mas não há nada para entender. Uma carta! Isso serve para quê? É uma imagem para agência de turismo ou o traçado do itinerário das próximas férias. (Lacoste, 1998, p. 35)

Essa ideia confirma que, para muitos – leigos ou não – a geografia é uma área do conhecimento escolar que tem como objetivo apenas fornecer informações e que não há necessidade de desenvolver um raciocínio lógico para aprendê-la.

Contudo pensar a geografia como uma disciplina que ensina a memorizar informações soltas é uma ideia equivocada. Por isso construir a ideia de espaço na sua dimensão cultural, econômica, ambiental e social é um grande desafio da geografia, e da geografia escolar.

Como foi dito, as questões trazidas para esta análise envolvem o como, para quê e para quem ensinar geografia escolar e, por isso, a aprendizagem e a metodologia do ensino da geografia, na perspectiva da epistemologia genética de Piaget, serão relacionadas com o processo de aprendizagem (em geografia).

Para Piaget, a aquisição do conhecimento deve ser compreendida como um processo de autoconstrução contínua; a gênese do conhecimento é explicada através da função adaptativa dos sujeitos em sua interação com o meio. Esse processo ocorre por meio dos esquemas: são assimilados novos aspectos da realidade e, em caso de dificuldade de ajuste, ocorre o desequilíbrio necessário que suscita a modificação de esquemas, até que se chegue à sua acomodação (Hernandez, 1998, p. 135).

O como ensinar e o como avaliar, então relacionados entre si e correspondem a um paradigma incorporado pelo professor.

Segundo o Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia (2014), a criação da Licenciatura em Geografia representa um aumento da importância acadêmica do ensino superior no IFPE, contribuindo, inclusive, para o cumprimento de meta estabelecida na Lei Federal nº 11.892, de 29/12/2008, a qual instituiu a rede federal de educação tecnológica e profissional (e criou o IFPE), e determina que 20 % do total das vagas ofertadas sejam destinadas aos cursos de licenciatura. A Licenciatura em Geografia se propõe a contribuir para a formação de professores, através de uma escolarização de qualidade, assumindo como pressuposto que o IFPE se constitui em um verdadeiro diferencial no quadro de referência em que se insere.

No referido PPP, a avaliação é considerada em suas dimensões diagnóstica, processual, formativa e somativa. É considerada, também, mais além do que um processo contínuo e interativo, como um instrumento dotado de sentido para o profissional da Geografia. A avaliação no curso deverá ser concebida como uma dimensão contínua do processo de ensino-aprendizagem e não apenas como momentos isolados desse mesmo

processo. Assim, a avaliação da aprendizagem constitui uma reflexão conjunta sobre a prática pedagógica durante o curso. Tal entendimento não exclui, no entanto, a utilização de instrumentos usuais de avaliação, tais como trabalhos escritos, individuais e em grupo, seminários, relatórios, resenhas de livros, testes, etc. durante o período letivo.(Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia, 2014, p.103)

Este entendimento sobre avaliação é muito importante no caso do licenciado, posto que deverá ser multiplicador da visão pedagógica que compreende a avaliação como instrumento de mediação na construção do conhecimento entre professor e aluno. A trajetória das funções da avaliação, ao longo da história, mostra que o processo avaliativo não segue padrões rígidos, sendo determinadas por dimensões pedagógicas, históricas, sociais, econômicas e até mesmo políticas, diretamente relacionadas ao contexto em que se insere (BATISTA, GURGEL, SOARES, 2006, p. 3).

Devido a dificuldade de se compreender os objetivos intrínsecos ao processo de avaliação, alguns professores demonstram dificuldades em avaliar e, conseqüentemente, a escolher um bom instrumento. Sendo assim, a prova acaba se transformando em um processo de acerto de contas dos conteúdos aprendidos ou decorados pelos alunos, ou ainda em vingança do professor, momento em que esse se realiza ao ver o desespero dos alunos diante das questões.

Segundo Hadji (2001, p. 10), muitos professores se esforçam para executar uma avaliação mais “inteligente”, capaz realmente de ajudar os alunos a progredirem. No entanto, a maioria dos professores ainda vivencia frequentemente essa avaliação como um peso, ou como um freio, ou ainda tempo perdido, mais do que como uma ferramenta eficaz a serviço de uma pedagogia dinâmica.

Partindo desse princípio não é difícil encontrarmos formas avaliativas que seguem um padrão arcaico e autoritário onde a postura hierárquica superior do professor é tida como uma autoridade sem questionamentos e o aluno como inferior acatando as decisões e práticas didáticas do mesmo.

Mas por que a avaliação?

A escola, para os professores, faz parte de seu dia a dia; nela estes exercitam seu fazer pedagógico, avaliando e planejando e/ou planejando e avaliando, ações estas nem sempre registradas ou refletidas. Não é possível compreender a escola sem refletir e analisar estas ações. No entanto, dada a dificuldade de tratar de todas elas, optou-se por investigar apenas

sobre a avaliação, escolha que se deu após quatro meses de observação e análise dos planejamentos e livros de registros dos professores, da convivência com os mesmos, com os alunos e demais pessoas que compõem a equipe escolar, da participação de suas discussões e angústias.

O processo de ensino-aprendizagem é composto do planejamento, execução e avaliação. Estes atos deveriam ser indissociáveis, mas a observação das práticas demonstra que os separam, dando ao planejamento uma roupagem de um fazer burocrático, pois muitas vezes este é elaborado e automaticamente esquecido. A avaliação, em oposição, é algo mais vivo e constante na escola, pois geralmente o professor a organiza - elaborando instrumentos, verificando seus resultados, refazendo-a, atos estes que, dada a necessidade de registro escrito, têm exigido ainda mais atenção. Em função disso, decidiu-se organizar o estudo, aqui apresentado, tendo a avaliação como base.

Segundo Moreto (2008), o modelo construtivista propõe uma nova relação entre professor, aluno e conhecimento, partindo do princípio de que o aluno não é acumulador e repetidor de informações recebidas. O aluno é construtor do seu saber, do próprio conhecimento, e o professor atua como mediador, estimulando a construção do pensamento. Se, para o professor, a prova gera ansiedade, podemos imaginar o que ela representa para os alunos. A preocupação do aluno é somente tentar responder tudo o que o professor quer para obter nota e, se o professor coloca uma questão na prova um pouco diferente daquela do caderno, o aluno não sabe responder. Nesses moldes de conhecimento, a prova serve apenas para que o aluno devolva um conhecimento pronto, repetindo o que o professor falou em aula.

Para estudar seus aspectos técnicos e metodológicos, é legítimo tratar a avaliação como uma “medida”. Trata-se exatamente de uma operação intelectual que tenta situar um indivíduo em um universo de atributos quantitativos ou qualitativos. Por essa razão, ela certamente diz respeito à epistemologia e à metodologia da medida. Isso não deveria nos fazer esquecer que a avaliação é sempre muito mais que uma medida. É uma representação, construída por alguém, do valor escolar ou intelectual de outro indivíduo. É uma representação, construída por alguém do valor escolar ou intelectual de outro indivíduo (PERRENOUD, 1999, p.57).

“Uma vez estabelecidos os procedimentos de avaliação, os instrumentos e as medidas, a atribuição de conceitos e a sua aplicação, ou seja, as classificações segundo determinados padrões, passam, (esses procedimentos) a ser vistos como atividades técnicas e neutras em vez de formas interpretativas e expressivas das relações

sociais que estão incorporadas dentro da própria ideia de avaliação (Barbosa ET AL.,1991, p.2). “

Metodologia

A pesquisa realizada é do tipo estudo de caso, com dados qualitativos e direcionada aos docentes do curso de Licenciatura em Geografia do IFPE.

Iniciamos a pesquisa através de uma revisão de literatura. Ela é uma parte vital do processo de investigação onde envolve localizar, analisar, sintetizar e interpretar a investigação prévia, (utilizamos para isso revistas científicas, livros, anais de congresso, resumos, etc.) relacionada com nossa área de estudo, como informam Cardoso ET AL (2010). “cada investigador analisa minuciosamente os trabalhos dos investigadores que o procederam e, só então, compreendido o testemunho que lhe foi confiado, parte equipado para sua própria aventura” (p.7).

Em um segundo momento, foi realizada uma análise descritiva – exploratória na qual, de acordo com Minayo (1994), enfatiza se o levantamento de informações que permitam apreender o universo de significados, motivos, crenças, valores e atitudes relacionadas ao fenômeno estudado, considerando- se, para tanto, o contexto sócio histórico dos participantes do estudo.

O estudo foi desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – Campus Recife, no curso de Licenciatura em Geografia, direcionado aos docentes dos dois primeiros períodos e dos dois últimos períodos do curso. Sendo assim, docentes que participaram da entrevista foram professores do primeiro, segundo, sétimo e oitavo período no do curso em estudo no segundo semestre de 2017.2 e primeiro semestre de 2018.1.

Por fim, no levantamento de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada com perguntas direcionadas aos professores do primeiro e oitavo período. Foi levada em consideração sua formação acadêmica, suas concepções sobre o processo avaliativo e seus instrumentos avaliativos sobre a avaliação na prática. Foram entrevistados 9 professores mestres e doutores na área da geografia e três professores pedagógicos, da área de educação, que por Moraes (2011) há diversos instrumentos avaliativos capazes de coletar informações fundamentais à realização da avaliação da aprendizagem, ficando em maior destaque maior a prova, utilizada por inúmeros professores. Este instrumento avaliativo, assim como outros, possui aspectos positivos e negativos que são definidos a partir do que o professor faz com o

seu resultado.

A entrevista direcionada aos professores foi de caráter descritivo para analisar sua prática avaliativa de acordo com o abordado no PPPC do curso de Licenciatura em Geografia, sendo analisados os instrumentos avaliativos das disciplinas utilizados em sala.

Resultados e Discussão

Na primeira pergunta, os professores são muito pontuais ao descrever o sistema de ensino-aprendizagem sendo construída dentro da sala de aula para uma avaliação tida na construção da sua identidade docente em sua graduação. A afirmações do professor A:

“...A avaliação não deve ser um processo que parta apenas da ação do professor, mas que seja um processo de certa forma de responsabilidade com o estudante, pois ele também pode se autoavaliar...”

Já para o professor B:

“...A avaliação é algo processual, não está limitado a um momento, a um espaço. A avaliação faz parte de todo processo de aprendizado do estudante.”

É importante observar que o a estrutura processual do aprendizado interfere na metodologia avaliativa de acordo com a assimilação do conteúdo abordado em sala de aula, onde em sua graduação foi importante para agora na prática ser utilizada com seus alunos.

Luckesi (1999, p. 92) tece algumas críticas quanto à verificação do rendimento escolar, apontando que esse processo configura-se pela observação, análise e síntese dos dados e informações referentes a um objeto ou o ato de investigação e se encerra com a obtenção do dado ou informação que se busca, fato que não imprime a obrigatoriedade do sujeito retirar dela consequências novas e significados que contribuam com o processo de ensino e aprendizagem. Assim, a verificação de rendimento se coaduna com o que a escola vem realizando, os exames, provas, atividades avaliativas que se encerram em si, não tendo a pretensão de ser uma ocasião a mais de aprendizagem.

Na segunda questão a cerca das metodologias de avaliação utilizadas foram diversas as abordagens para a geração da nota aos estudantes. Segundo os professor C, D:

Professor C: Faço meu período com duas unidades. Na primeira unidade utilizo fichamentos de textos como forma de avaliação contínua, e por fim tendo a fazer uma prova escrita. Nós da área de Geografia utilizamos um recurso que é primordial para esta ciência: a aula de campo, gerando assim, a composição da segunda nota.

Professor D: Minha primeira unidade é gerada pela prova, e exercícios de fixação. Na segunda unidade utilizo de seminário e a aula de campo.

Para os professores entrevistados o uso da prova ainda é de importância para uma autoavaliação apesar de ser extremamente pesada, porém utilizada de modo em que possa modificar na metodologia do ensino, além de observar as dificuldades dos meus alunos, e também o auxílio dos exercícios fixação e/ou fichamentos para a junção da primeira unidade.

Os trabalhos de Bourdieu trazem contribuições para esta discussão. Para este, segundo Nogueira (2002, p. 21):

A avaliação escolar vai muito além de uma simples verificação de aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Cobra-se que os alunos tenham um estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar; que sejam intelectualmente curiosos, interessados e disciplinados; que saibam cumprir adequadamente as regras da “boa educação”. Essas exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente (na família) socializado nesses mesmos valores.

É analisado na entrevista que os professores utilizam outros instrumentos para atribuir nota aos alunos. Fichamentos, seminários e relatórios de campo são utilizados para avaliação da aprendizagem como uma forma processual.

Na segunda unidade os alunos são protagonistas, pois é apresentado seminário, pois já é um preparo em sua postura, dicção e desenvoltura para aguçar o sentido pela sala de aula, e a aula de campo (fala unânime dos professores entrevistados) que serve pra a junção da teoria com a prática observada *in vivo*, que após a aula de campo eles produzem um relatório para atribuir uma nota.

Os fichamentos são utilizados como forma de assimilação do assunto discutido em aula, a partir de um estudo prévio do assunto que será abordado e, com finalidade de gerar uma nota, que será somada a uma outra atividade avaliativa.

Nos seminários é observado a postura e domínio daquele assunto posto em pauta para ser apresentado que corrobora para sair do conforto e ser protagonista em sala. Para os professores:

“... É quando podemos ajudar ao aluno o domínio, sua postura, a dicção, tonalidade e criatividade de abordar seu tema proposto, e de muita ajuda para eles, pois muitas vezes não há espaço pra trabalhar na formação dos estudantes, mesmo sendo alunos de licenciatura.”

Entre as técnicas e instrumentos de avaliação que constam no PPP e que devem ser usados encontram-se: discussões, debates, leituras, aulas expositivas dialogadas, seminários, prova escritas, trabalhos individuais e em grupo, trabalho de pesquisa, elaboração de sínteses (fichamentos), tarefas específicas de cada disciplina e outros, a critério do professor. Este último abre espaço para que cada disciplina busque instrumentos mais adequados aos conteúdos e critérios de avaliação estabelecidos, o que nas respostas dos professores entrevistados mostraram os diferentes instrumentos avaliativos para a avaliação da aprendizagem para a formação dos discentes.

Sendo assim, no Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia(PPPC), salienta que:

A avaliação é considerada mais além do que um processo contínuo e interativo, como um instrumento dotado de sentido para o profissional da Geografia. Esta opção é muito importante no caso do licenciado, posto que deverá ser multiplicador da visão pedagógica que compreende a avaliação como instrumento de mediação na construção do conhecimento entre professor e aluno. (...) Nesse sentido, a avaliação passa a ser considerada em suas dimensões diagnóstica, processual, formativa e somativa. (PPPC, 2014, P. 103)

As práticas avaliativas adotadas num processo de formação docente servirão como aportes teóricos metodológicos e práticos dos licenciandos quando estes estiverem em exercício profissional. Em outras palavras, o licenciado deverá ser multiplicador da visão pedagógica de avaliação presente no curso.

Conclusões

Como um importante instrumento pedagógico na prática do professor o instrumento avaliativo ajuda a tomar decisões e planejar estratégias. Contudo, a necessidade da produção de novas estratégias é primordial ao ver a dificuldade, buscando ao máximo as competências do aluno.

Para isso, o aluno deve saber do tipo de avaliação do professor sendo transformada em oportunidade de atingir sua nota como estudante. Ela deve ocorrer durante todo o processo de ensino aprendizagem, trazendo situações que promovam o pensamento crítico, levando, assim o aluno ao raciocínio.

Não se trata de uma prática fácil e, por isso, é necessário estudo e preparo por parte do professor. A avaliação deve ser encarada como reorientação para uma aprendizagem melhor e para a melhoria do sistema de ensino. Para tanto, é essencial garantir aos professores uma boa

formação inicial e continuada, pois aqueles que usam inadequadamente a avaliação só o fazem porque não estão devidamente preparados. Por isso, a avaliação deve fazer parte da grade curricular dos cursos de formação de professores, com base no PPPC assim designado aos professores.

Não existe fórmula pronta para que o professor realize uma boa avaliação. Os instrumentos devem ser diversificados, sucessivos, participativos, relevantes e significativos, sendo construídos pelo professor de modo que se possa compreender como a construção do conhecimento está ocorrendo em seus alunos. Diversificando os instrumentos é possível abranger todos os aspectos do desempenho do aluno.

Para os alunos do curso de licenciatura em geografia os instrumentos avaliativos vão mais além. Em aulas de campo eles podem relacionar o que estudam dentro da sala de aula com o espaço natural nas viagens, no qual aprende na prática os processos de formação territorial, geomorfológico, climático, dinamizando o aprendizado. Em seguida, em forma de relatório, são avaliados pelos professores de um jeito prático e leve.

Considerar e valorizar a participação do aluno, seus exercícios feitos em aula e em casa, trabalhos de pesquisa em grupo e individual, interpretação, produção textual, debates, frequência, seu interesse, iniciativa, autonomia, questionamentos, empenho e desempenho. Essas observações devem fazer parte do dia a dia do professor, pois se trata de considerações que não são possíveis de serem avaliadas com uma prova. É importante a utilização de vários instrumentos, no sentido de avaliar o aluno em todas as suas vertentes.

É decisivo o papel que o professor realiza no cotidiano da escola. Esse precisa ser objeto de estudo, de planejamento e de ações coletivas no interior da escola, para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico que realmente promova a aprendizagem dos alunos.

A avaliação é uma questão que merece a reflexão dos professores, que devem se questionar sobre os instrumentos utilizados, sua produção, a frequência em que ocorrem, os critérios de avaliação e os seus objetivos. A melhoria do sistema múltiplo de avaliação tem resultados significativos no aproveitamento dos alunos para aprimorar seu cognitivo em seu desempenho na sua formação.

Referências :

BRASIL. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e**

Tecnologia de Pernambuco – IFPE. Modalidade presencial. Recife: MEC/SETEC, 2014. 164 p. Disponível em: <http://www.ifpe.edu.br/campus/recife/cursos/superiores/licenciaturas/geografia/projeto-pedagogico/ppc_geografia.pdf>. Acesso em: 11/06/2018.

CALLAI, H. C. **A geografia e a escola:** muda a geografia? Muda o ensino? Revista Terra Livre. São Paulo, n. 16, 1º sem. 2001.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de geografia.** São Paulo: Editora Thomson Learning / Pioneira, 2009.

HOFFMAN, J. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa, bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalho científico. 7 ed. São Paulo: Atlas. 2011.

MORETO, Vasco Pedro. **Prova:** um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 8. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

OLIVEIRA, L. O. Ensino/aprendizagem de Geografia nos diferentes níveis de ensino. In: PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. (Org.). **Geografia em perspectiva.** 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 235-240.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação:** da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A representação no espaço da criança.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

ZAMBONE, G. **O processo de avaliação nas aulas de Geografia.** Rev. Bras. Educ. Geog., Campinas, v. 2, n. 4, p. 129-149, jul./dez., 2012.